



O IBGE PERDEU O NORTE? Por Evaristo de Miranda

📅 31/05/2026 ⌚ 17:20



Mapa mostra a Península Arábica ao centro e destaca o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho, que separam a Europa e a África, respectivamente. Foto: Konrad Miller/Wikimedia

São muitos os mistérios amazônicos em Brasília. Um deles é de pedra. Fica ao lado do Palácio do Itamaraty. É fácil encontrá-lo. Para quem olha de frente esse belo edifício, basta contorná-lo pelo lado esquerdo e chega-se a uma pequena praça circular. No centro há uma enorme pedra, monolítica, com mais de dois metros de altura e de base quadrangular. Ela diminui em direção a um ápice arredondado, como ogiva de catedral. Um obelisco. Pesa toneladas. Não há placa explicativa. Qual a razão de estar pousada ali?

Esse bloco rochoso, talhado por humanos, é um calcário duro e maciço da idade Jurássica, do tempo dos dinossauros. Cheio de conchas, belas espirais ou caracóis de amonitas. Ele poderia ter sido extraído do *canyon* de Itaimbezinho no Rio Grande do Sul, na Europa ou de lugares onde existem essas rochas do Jurássico. Lá está ele, sem explicação, num local tão sagrado da diplomacia brasileira.



Não é difícil identificar um pequeno relevo destacado em forma de brasão, no centro da pedra. O olhar atento verá discretamente as quinas ou os **cinco escudetes em cruz do brasão de Portugal**. É um antigo marco português de delimitação geográfica. Qual território demarcava?

Obra de humanos

Nos anos setenta do século XX, o Exército construía um embarcadouro no alto rio Negro, quase na fronteira com a Venezuela. Mergulhadores ao preparar as fundações descobriram no leito do rio uma pedra enorme. Não existiam rochas nas proximidades. Um reconhecimento mais detalhado trouxe a certeza de uma obra de humanos. Foi uma epopeia retirá-la das profundezas do rio. Outra epopeia levou-a a Brasília. Maior havia sido a dos portugueses, séculos atrás: atravessar o Atlântico, entrar pelo rio Amazonas, subir o rio Negro, ultrapassar o arquipélago das Anavilhanas...

Os portugueses levaram de barco a vela e na força dos braços esse marco de fronteira até os confins da Amazônia. Moldaram a territorialidade ao plantá-lo às margens do rio Negro, em ponto visível e proeminente. Um espanhol ou estrangeiro, perdido ou não, vindo da bacia do Orinoco, seria advertido: entrava na Amazônia, em terras portuguesas. Hoje, brasileiras.

Com o passar dos anos e séculos, cheias e **movimentos meândricos do rio**, ou quem sabe ações mal-intencionadas, levaram o marco de fronteira ao fundo do rio, sepultando-o sob um manto de águas escuras. As águas ácidas silenciosamente laminaram o calcário do marco. Apagaram seus escritos, corroeram a cruz de Cristo e o escudo português. As águas ácidas apagaram fronteira e geografia, como hoje tentam fazê-lo certas narrativas sobre a Amazônia. Quase dissolveram esse enigmático pacote, feito para proteger a Amazônia brasileira da cobiça estrangeira. Ela e sua população permanecem vivas, mesmo se submersa se laminadas por narrativas e dados manipulados, por ONGs e setores antropofóbicos de instituições federais. Insolúvel, em sua litofania, o marco resistiu.

Contei essa história ao escritor **Gilles Lapouge**, companheiro em expedições pela Amazônia, da bacia do Demene no Amazonas à do Tejo no Acre, do colono gaúcho no Mato Grosso ao assentado em Machadinho d'Oeste em Rondônia. Em nossa geografia havia ilhas no céu e os ventos eram um país. Traçamos mapas-mundi da luz e das brumas. Sonhamos geografias de outono. Isso lhe inspirou um romance, publicado e premiado na França, *La mission aux frontières* (Albin Michel. Paris, 2002) e no Brasil, *A missão das fronteiras* (Ed. Globo, S. Paulo, 2005).

Símbolo da nacionalidade e da **conquista luso-brasileira na Amazônia**, esse marco foi colocado ao lado do Ministério das Relações Exteriores. Gesto discreto e cheio de simbolismo para Portugal, Brasil e o mundo. Ao tocar nas sombras minerais das cinco quinas lusitanas, nesse brasão não assinalado, fora dos roteiros turísticos, ouvem-se sons e sentem-se perfumes do continente vegetal amazônico. Geografia de ventos, suor e heroísmo visionário lusitano. Como não lembrar Fernando Pessoa:

E ao imenso e possível oceano;

Ensinam estas Quinas, que aqui vês;

Que o mar com fim será grego ou romano;

O mar sem fim é português.

O mar vegetal amazônico só parece sem fim. Tem limites geográficos. Tem um princípio. O marco lembra o povoamento europeu e a incorporação ao território nacional da Amazônia. Espanhola na origem, de direito (Tordesilhas) e de fato: **Vicente Pinzón** foi o primeiro a chegar por ali. Portugal é o país mais ocidental da Europa. Sua fronteira remonta a 1297, a mais antiga da Europa. Lusitanos são provectoros em estudar geografia, aplicá-la a mapas e territórios. Não só para defendê-los. Para ampliá-los.

O termo Geografia

A geografia nasceu na Antiguidade, na Mesopotâmia e no Egito, sob a forma de cadastros e representações simbólicas, associada à estatística, ao registro. Tornou-se disciplina científica na Grécia antiga, ao combinar viagens, matemática e astronomia. A geografia (do grego antigo, “descrição da Terra”) surgiu quando filósofos gregos buscaram racionalizar o mundo e perscrutar os horizontes.

Tales de Mileto (séc. VI a.C.) tentou explicar o mundo por princípios racionais, em vez de mitos. Heródoto (séc. V a.C.), pai da história, foi pioneiro da geografia humana e descritiva. Eratóstenes (séc. III a.C.) *inventou* o termo geografia. Foi o primeiro a traçar a grade de meridianos e paralelos e a calcular a circunferência da Terra com notável precisão.

Sob o Império Romano, a geografia tornou-se ferramenta para conquistas e recenseamentos. **Estrabão** (séc. I a.C.) escreveu uma imensa obra de geografia em 17 livros. Ptolomeu (séc. II d.C.) lançou as bases da cartografia matemática, graças a seus sistemas de projeção. Sua obra foi a referência absoluta por mais de mil anos.

A geografia árabe (séculos IX a XIV) foi impulsionada pelo crescimento do comércio e peregrinações à Meca. Al-Khwarizmi (séc. IX) revisou e corrigiu a obra de Ptolomeu no livro *A Descrição da Terra*. Al-Mas'udi (séc. X) fez viagens e descrições detalhadas de sociedades e climas. Al-Idrisi (séc. XII), na corte do rei normando Rogério II da Sicília, criou a **Tabula Rogeriana**, um dos mapas-múndi mais avançados da Idade Média. Tudo isso deu base aos descobrimentos e à moderna geografia. Nem toda essa tradição poupou geografia e geógrafos das críticas contemporâneas.

Qual é a utilidade do geógrafo?

O geógrafo pensa entender de tudo e não sabe nada sobre nada, dizem. Esse viés cognitivo pode ser explicado pelo Efeito Dunning-Kruger, quando a pessoa não tem dimensão da real complexidade do tema. Na década de 1980, precisei engajar uma batalha interna para contratar o primeiro geógrafo nas equipes da Embrapa, para trabalhar como pesquisador no **Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido** em Petrolina. Consegui e valeu a pena.

Qual a utilidade da geografia? *Antes de tudo, para fazer guerra*, dizia **Yves Lacoste**. Ao lançar um olhar informado e atento sobre o mundo, ao permitir compreender sua complexidade e decifrar os problemas das sociedades – urbanização massiva, migração, distribuição de minerais ou realinhamentos geopolíticos – a geografia pode, acima de tudo, servir para construir a paz.

INE e IBGE

Dessa longa história da geografia nasceram instituições encarregadas de transformar território em conhecimento de Estado. No Brasil, geografia e estatística possuem uma casa comum: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. O Dia do Geógrafo e o Dia do Estatístico são celebrados, juntos, em 29 de maio. Ambas as datas homenageiam a criação do IBGE. Nesse dia, em 1936, foi criado o Instituto Nacional de Estatística (INE). No ano seguinte, o Conselho Brasileiro de Geografia foi incorporado ao INE e deu origem ao atual IBGE, principal referência em dados geográficos e estatísticos do país.

Este ano há pouco a celebrar. O IBGE vive uma crise institucional rara. Desde 2023, sob a gestão de Márcio Pochmann, acumulam-se sinais de desgaste. O corpo técnico critica mudanças nos rumos administrativos, exonerações em postos-chave, criação de fundação paralela, além da contestação de metodologias e polêmicas sobre mapas institucionais.

Tomados em separado, são episódios de gestão. Reunidos, desenham um quadro grave. Exigem atenção pública. Está em jogo a credibilidade de uma instituição fundada na estabilidade, no rigor, na confiança.



Protestos de servidores ilustram a insatisfação com decisões da gestão do órgão. Foto: Sindicato Nacional dos Trabalhadores em Fundações Públicas Federais de Geografia e Estatística

Um dos episódios mais expressivos ocorreu nas Contas Nacionais: a **exoneração de Rebeca Palis**, servidora de carreira responsável pelas análises do PIB. O mais grave não foi a troca. Foi o efeito. Esse ato da presidência motivou pedidos de demissão, em solidariedade, de outros gerentes da mesma área. A cúpula da Diretoria de Pesquisas e da Diretoria de Geociências também **entregou cargos em protesto** contra a presidência. Um órgão técnico sem confiança interna deixa de viver uma crise pontual. Entra em crise estrutural. De forma inédita, mais de meio milhão de gerentes e diretores (incluindo centenas de cargos de chefia) assinaram cartas e manifestos contra a gestão de Márcio Pochmann. Precisa mais?

Nos indicadores econômicos, o desconforto aflorou. Técnicos alertaram o Congresso e a opinião pública. Falaram em risco de ingerência sobre índices decisivos, como o IPCA (inflação) e a Pnad Contínua (emprego e renda). A autoridade desses números repousa na independência dos métodos. Houve a tentativa de criar o IBGE+, fundação pública de direito privado. A fundação afundou, barrada pela Advocacia-Geral da União. Iniciativas contestadas se acumulam. Vacila a confiança nos números.



Divulgação do Mapa-Múndi invertido pelo IBGE causou polêmica. Crédito: Ana Cristina Campos – Repórter da Agência Brasil

Em meio à crise administrativa e técnica, o IBGE ainda se expôs a controvérsias desnecessárias na cartografia. Divulgou um mapa-múndi invertido, com o Brasil no centro. Técnicos e sindicato (**Assibge**) rejeitaram a peça. Viram ali um afastamento das convenções cartográficas e um gesto promocional. O *Atlas Geográfico Escolar* também exigiu erratas. Houve falhas conceituais incluindo

confusão entre períodos geológicos e trocas de siglas de estados. Nenhum desses episódios, sozinho, arruinaria a reputação do instituto. Somados, reforçam a percepção de descuido. Falta exatidão.

O IBGE não pertence a um dirigente. Nem a um partido. Nem a uma corrente de pensamento. Pertence ao Brasil. Sua missão exige prudência, precisão e autoridade técnica. Um órgão encarregado de medir território, população, renda, emprego e inflação não pode conviver com dúvidas persistentes sobre critérios, métodos e condução. Quando perde a confiança do público, perde o rumo. Em março deste ano, o Ministério Público, junto ao Tribunal de Contas da União, pediu o afastamento de Márcio Pochmann da presidência do instituto, citando irregularidades administrativas

O Brasil precisa de instituições sólidas e conscientes de sua função de Estado. Quem está desorientado, sem bússola, perdeu o Norte. Quem está desorientado não vê o Sol e perdeu o Oriente. Desconhece o adágio latino *Ab Oriente lux*. A luz vem do Oriente. A sabedoria incendeia a luz. Já aconselhava a **cancão de Gilberto Gil**: – *Se Oriente rapaz...*

[Facebook](#)[Twitter](#)[LinkedIn](#)[WhatsApp](#)

Evaristo de Miranda foi pesquisador da Embrapa por 43 anos, e escritor, doutor em Ecologia e membro da Academia Nacional de Agricultura da SNA

Sociedade Nacional de Agricultura Faculdade SNA Digital

Av. General Justo 171 – 3º e 7º andares
Centro – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 20021-130
+55 (21) 3231-6350

Campus Educacional e Ambiental SNA

Avenida Brasil 9727
Penha – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 21012-351
+55 (21) 3977-9979



[Envie-nos uma mensagem](#)

INSTITUCIONAL

[Sobre a SNA](#)

[Diretoria da SNA](#)

[Academia Nacional de Agricultura](#)

EDUCAÇÃO

[SNA Digital – EAD](#)

[Campus Educacional](#)

PUBLICAÇÕES DA SNA

[A Lavoura](#)

[Animal Business](#)

[CI Orgânicos](#)

[Boletim SNA](#)

CONTEÚDO

[Destaques da SNA](#)

[Notícias do agro](#)

[Artigos](#)

[Entrevistas](#)

[Código de Ética](#)

[Política de Governança](#)

[Política de Privacidade.](#)

© Copyright Sociedade Nacional de Agricultura 2023. Todos os direitos reservados.